





**ANJO  
DA  
CARA  
SUJA**

CELSO INNOCENTE

**ANJO DA CARA SUJA**

ISBN 978-85-914107-4-3

1ª edição

Celso Aparecido Innocente  
Rio de Janeiro - Brasil  
2012

## Sumário

Prefácio:- -----	7
Vitória Bonelli: -----	9
Construindo uma amizade:- -----	19
Amizade não se compra, se conquista:- -----	32
Isto é trabalho infantil?-----	47
Almoço de Domingo:- -----	60
O que fazer durante as férias?-----	74
O primeiro filho:- -----	88
Cadê você!-----	98
Mistério:-----	109
Tudo me faz lembrar você: -----	121
Em busca de pistas: -----	134
Uma nova amizade pode curar velhas feridas?-----	152
Qual dor pode ser pior do que de uma criança desaparecida? 167	
O autor:- -----	181
Outros trabalhos:- -----	183



## Prefácio:

É possível existir a amizade saudável entre um adulto e uma criança que até então era desconhecida? Por que a velha questão, nunca fale com estranhos ainda persiste? Mas por que precisa haver esta discriminação, dando a entender que a criança é um ser diferente, que só pode viver em seu mundinho infantil, separado dos adultos? Quanto mais o tempo passa, mais real se torna este perigo. Um mundo cercado pela inocência da criança e a perversidade de adultos cruéis.

Assim é Regis, um menino pobre, de apenas oito anos de idade, protegido em seu mundo infantil, cercado de muitos amigos de sua faixa etária, até o dia em que se depara com uma amizade diferente: Um jovem casal encontra no menino, a figura do filho que está por nascer e com um jeito amável, fará de tudo para conquistá-lo, cativando seu coraçãozinho simples, ingênuo e cheio de amor ao próximo.

Aos poucos esta amizade vai crescendo e o menino passará então a fazer parte de suas vidas, demonstrando a cada dia, a verdadeira felicidade em uma amizade saudável, que servirá de exemplo para que seja realmente possível, apagarmos a marcante frase: “Nunca fale com estranhos”. Será?

Por que as sombras do destino precisa pregar períodos de adversidades, em um lar que almeja se tornar cada vez mais perfeito naquilo que se diz, amor e felicidade?

Conheça o período de conquista de uma amizade simples, mas especial; conheça a persistência nas buscas de recuperação daquilo que lhes foi negado pelo destino cruel e impiedoso.

Entre nesses dois mundos que nem precisava ser diferente: O mundo infantil, cercado pelo mundo adulto.

Penápolis – Outubro de 2012

Existe algo mais puro e Sagrado do que a amizade de uma criança?

É o que um jovem casal vai descobrir durante a convivência com um menino pobre de apenas oito anos de idade.

## Vitória Bonelli

Estávamos em meados de novembro dos encantados anos de um mil novecentos e setenta e dois, pouco depois da sete horas da noite; Luciano Cavallari, funcionário público na Vara da infância e juventude, no fórum de Penapolis, tinha vinte e cinco anos de idade, branco, magro, cabelos pretos bem aparados, de estatura normal e estava sentado na poltrona da sala de estar bem à frente de sua jovem esposa Sara, de vinte e um anos, também branca, de cabelos negros longos, que sendo casados a pouco menos de um ano, estava então no quinto mês de gestação do tão sonhado primeiro filho. Devido o cansaço do rotineiro dia de uma dona de casa e as pernas que incham devido estado de gravidez, Sara estava então deitada no outro sofá, que a gente chama de três lugares, assistindo em preto e branco, pela tevê Tupy de São Paulo, a emocionante telenovela “Vitória Bonelli”, que narra o drama de uma mulher, Vitória, interpretada pela atriz Berta Zemel, que acabava de ficar viúva ao lado de seus quatro filhos, todos jovens e que foram batizados com os nomes bíblicos: Thiago (Tony Ramos), Mateus (Carlos Alberto Ricceli), Lucas (Flaminio Fávero) e Verônica (Anna Maria Dias).

Devido o calor dessa época do ano, o casal adquiriu o costume em deixar a porta de entrada da casa, que fica a apenas três metros de distância para o portão que leva à rua, sempre aberta, durante todo o período em que ficava ali naquela sala assistindo a programação de tevê, que geralmente começava para eles às sete horas da noite, com aquela telenovela, depois, o telejornal na mesma emissora, seguido depois pela telenovela da Tevê Globo, “Selva de Pedra” com os grandes astros Regina Duarte, Francisco

Cuoco, Dina Sfat, Carlos Eduardo Dolabella, Mario Lago, Gilberto Martinho, Arlete Salles, Sônia Braga, Heloisa Helena, Gloria Pires... E depois, pela Tevê Record, os seriados semanais: Bonanza, Dakitari, Kung Fú...

Naquela noite porem, por estar um pouco fria, devido um esquisito vento gelado, Luciano, mesmo sem se levantar usando os pés, empurrou a porta, fechando-a, alheio ao que acontecia do lado de fora. Sara então lhe chamou a atenção:

— Você fechou a porta! Tem um menino que sempre assiste à novela, encostado no portão!

— Como assim? — Se espantou Luciano, levantando-se imediatamente.

— Uma criança! — Explicou Sara, sem se levantar.  
— Todas as noites ele está aí!

Luciano abriu a porta apressadamente e como não havia ninguém no portão, seguiu rapidamente até ele, de onde pode avistar uma criança branca, maltrapilha, descalça, magra, de uns dez anos de idade, cabelos castanhos, que cabisbaixa, se afastava lentamente para o final da rua deserta e sem asfalto.

— Hei menino! — Chamou-o Luciano.

Ele olhou para trás e talvez pensando que não fosse consigo voltou a caminhar lentamente. Mas como não seria com ele, se eram as duas únicas pessoas naquele lugar ermo, tendo por companhia apenas a pouca claridade, que as lâmpadas de talvez cem watts, produziam do alto dos postes de iluminação pública.

— Menino! Espere! — Insistiu Luciano.

Ele tornou a parar se virando e apontando o polegar para o próprio peito, perguntou timidamente:

— Eu?

— Venha cá!

Meio receoso voltou até a uns dois metros de seu interlocutor.

— Você estava assistindo a novela? — Perguntou-lhe Luciano.

Ele apenas deu de ombros como a dizer: “o que importa?”

— Desculpe-me eu ter fechado a porta! Não sabia que você estava aí!

Deu de ombros novamente.

— Gosta de assistir Vitória Bonelli?

Novamente os ombros falaram por ele.

— Você não sabe falar?

— Sei!

— Gosta da novela?

— Gosto! — Confirmou timidamente.

É claro que ele gostava da novela, já que mendigava aquele aparelho todos os dias, ali, sentado no chão junto ao portão, acompanhando toda aquela trama.

Luciano abriu o portão, chamando-o:

— Entre aqui! Vamos assistir juntos!

— Não! Obrigado! — Negou ele receoso.

— Venha garoto! Não vou lhe fazer mal! Assista à novela, depois você vai embora!

Apesar de tímido, receoso, lentamente ele adentrou ao portão, acompanhando o estranho. Na entrada da sala, sentando-se no degrau de saída, insinuou:

— Assisto aqui na porta!

— Sente-se aqui no sofá! Aqui só estamos eu e minha esposa.

— Estou sujo!

— Não te preocupes menino! — Insinuou Sara, com leve sorriso. — O sofá também está sujo!

Timidamente sentou-se na ponta daquela poltrona de apenas um lugar, de tal jeito que, caberiam uns dez dele.

Apesar de achar engraçado o seu jeito tímido, Luciano segurou por seu corpo frágil, forçando-o a sentar-se corretamente e assim ele permaneceu em silêncio, com seus olhinhos de criança paupérrima, vidrados na “Vitória Bonelli”.

Apesar da paixão, naquela noite, Luciano acabou por não assistir a novela. Quer dizer: assistiu, mais não prestou muita atenção, pois, apaixonado por crianças como sempre foi, acabou passando o tempo concentrado nas atitudes silenciosas daquele menino humilde.

Na verdade: humilde era jeito da gente pensar, devido seu estado maltrapilho, usando uma camisa de algodão bege, mal abotoada; uma calça tipo shorte, também de algodão, azul marinho, muito curta, que o fazia parecer mais um francesinho, com seus cabelos castanhos curtos, despenteados, olhos da mesma cor e sorriso maroto. Porém, dava para perceber que ele não era um menino desamparado pela sorte ingrata. Apesar de sujo, ele não fedia como uma criança abandonada; exilava sim, o odor de suor de criança que havia brincado bastante. Ou seja: ele não teria tomado banho ainda; deveria fazer isso na hora de dormir. Crianças dessa época tinham seu tempo muito ocupado e banho era coisa supérflua; além do mais, o desagradável fedor de suor e mau hálito, aparecem com mais intensidade em adolescentes, a partir de seus catorze anos de idade. Qualquer um sabe que o odor de suor de criança, é diferente do odor de suor de um adulto.

Mas era pobre. Com certeza não tinha seu próprio televisor, pois se humilhava a assistir a de um estranho, sentado no portão da rua. Mas isto não dizia nada. Apenas

poucos privilegiados, ricos ou com bom emprego, como Luciano, tinham em sua casa esse luxo chamado televisor, geladeira, sofá... No máximo cinco por cento da população penapolense tinha isso; os demais, se queiram, tinham que se aventurar nos parquinhos públicos, onde a prefeitura fornecia esse bem, com imagens em preto e branco, para seus cidadãos se descontraírem.

Portanto naquela noite, devido essa visita inesperada, Luciano acabou por se desconcentrar da novela, ou seja: seus olhos viam a televisão e toda sua trama em volta de “Vitória Bonelli”, batalhando com o filho caçula, Lucas, em prol de cuidar de sua cantina lotada, mas seu pensamento estava mais naquele menino que não desgrudava seus olhinhos da tela de vinte e seis polegadas em preto e branco do televisor Telefunken.

Assim que ao final da terceira parte da novela, apareceu escrito: “a seguir cenas do próximo capítulo”, o menino se levantou dizendo:

— Eu já vou! Obrigado!

— Calma! — Pediu Luciano. — Ainda não terminou!

— Não gosto de ver as cenas de amanhã! — Negou ele, saindo pela porta.

— Por que não?

— Não gosto e saber o que vai passar depois! — Negou convicto.

— Já entendi! — Insinuou Luciano rindo. — Gosta do suspense!

— Agora eu já vou! — Voltou para a entrada e disse, olhando para Sara deitada no sofá. — Obrigado moça!

— Amanhã quando você vier, chame no portão! — Pediu Sara, sem se levantar.

Após fechar o portão, depois que ele saiu, Luciano insistiu:

— Quando você vier amanhã, bata palmas no portão que eu virei abri-lo pra você.

Sem responder, o menino se afastou correndo até o final da rua, onde dobrou a direita e desapareceu.

— Desde quando ele assiste televisão sentado no portão? — Perguntou Luciano à sua esposa.

— Há uns dez dias, creio eu!



Na noite seguinte, enquanto era exibida a abertura da novela, Luciano parecendo ansioso, ficou no aguardo de seu mais recente parceiro de telenovelas, ao lado de sua esposa. Ele porem não chamou. Assim que iniciou realmente o capítulo daquele dia, Luciano se levantou, seguindo até a porta, onde teve uma surpresa: lá estava ele, sujo tal qual ao dia anterior, descalço, usando talvez a mesma calça curta e uma camiseta tipo pólo, listrada em verde, azul, branco e bege, sentado no chão, segurando com as duas mãos, as grades do portão. Luciano foi imediatamente a seu encontro, abrindo o portão.

— Por que você não chamou? — Perguntou o homem surpreso.

— Não é preciso moço! — Negou ele. — Eu assisto daqui!

— Nada disso! Faz favor de entrar e sentar lá no sofá!

Timidamente ele adentrou até a sala e após ser cumprimentado docemente com um simples oi por Sara, sentou-se do mesmo jeito, na mesma poltrona do dia anterior. Luciano tornou a corrigir sua postura, sentando-se a seguir no outro sofá, onde, praticamente em silêncio, assistiram todo aquele capítulo.

Na saída do portão, após o final da novela, Luciano voltou a insistir:

— Amanhã quando você chegar quero que me chame!

O menino se despediu com um simples tchau e saiu apressadamente, dobrando à direita na esquina, como na noite anterior.

Na noite seguinte, foi a mesma coisa: ele chegou sem ser notado, sentando-se no chão próximo ao portão, só entrando à residência dos Cavalari após ser convidado.

Na próxima noite, Luciano pensando em testá-lo, resolveu endurecer: ao contrário de sempre, pouco antes do início da novela, fechou completamente a porta da sala, obrigando assim ele a chamar quando chegasse.

Iniciou-se a abertura com a rolagem dos nomes dos atores e demais equipe de profissionais. Dobrando a esquina, sujo e maltrapilho, como todos os dias, quase correndo surgiu o menino e estando então diante do portão, percebeu a porta fechada; até ameaçou a bater palmas, mas sua mente infantil começou a condená-lo, formulando pensamentos hostis, tais como: “Não tá vendo que eles não querem que você fique amolando!” “Moleque todo sujo e rasgado, sentando no sofá novo deles!” “Vá ver sua novela no parquinho!”

Assim como chegou, virou para trás em disparada, abriu o portão de ripas, na primeira casa, no centro da quadra à esquerda para quem sobe (os dois outros terrenos entre a casa que ficava bem defronte a rua transversal, não existiam construções, tendo por ali, protegido por cerca de arame farpado, um vasto mandiocal, plantado por seu próprio pai); sua casa era assim recém construída e bem simples, pintada a cal na cor amarela, tendo um muro baixo; pequena varanda antes da entrada para a sala; depois uma cozinha com fogão à lenha, revestido em concreto vermelho, com um forinho